

AS INTRODUCTIONES LATINAE (1481) DE ÉLIO ANTÓNIO DE NEBRIJA

GONÇALO FERNANDES

(Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

0. Élio António de Nebrija é o pseudónimo de António Martínez de Cala e Xarana, que nasceu, provavelmente entre 1441 e 1444¹ (Torres 1995: 47, nota 4), em Nebrissa (Lebrija) Veneria, situada a cerca de 70 quilómetros de Sevilha. Trata-se de uma das figuras mais notáveis do Renascimento europeu. “Su formación clásica es innegable y su beneplácito a los principios y valores del humanismo indudable, si bien le falta a su lengua el esplendor y brillantez de muchos de sus coetáneos italianos y a su cultura de lingüista la profundidad y extensión de la de un Erasmo” (Andrés 1992: 110). Nebrija destacou-se em muitas e tão diversas áreas do saber, desde a literatura grega e latina, a lexicografia latina e castelhana, a gramática latina e castelhana, os problemas de pronúncia do grego, a Bíblia e a sua exegese, a retórica, o direito civil, até à poesia e crónicas históricas, mas a sua “grammaire latine est certainement l’un des plus importants, à la fois pour sa date (...) et par son contenu” (Margolin 1992: 259).

Entre os quinze e os vinte anos de idade, estudou em Salamanca, mas Nebrija sentiu-se insatisfeito com os professores, porque, segundo ele, sabiam pouco, e decidiu ir aperfeiçoar os seus estudos no colégio espanhol de S. Clemente da Universidade de Bolonha (Torres 1995:

¹ O ano de 1444 é tido habitualmente como a data do nascimento de Nebrija. Esta data foi calculada com base nas suas próprias palavras no prólogo do *Vocabulario Español-Latim* (1495), mas há algumas contradições, que mais parecem indicar o ano de 1441.

46-47). “Su deseo (...) es aprender nuevas cosas de los grandes maestros del Humanismo, cuya sede era ala sazón Italia, y poder introducir nuevos métodos en las Universidades españolas” (Quilis 1989: 10).

Dez anos volvidos, regressou à pátria, onde esteve, durante três anos (1470-1473), ao serviço de D. Alonso da Fonseca, Arcebispo de Sevilha, tendo si preceptor do seu sobrinho, D. João Rodrigues da Fonseca, futuro bispo de Córdoba, e auferindo um vencimento anual de 150 florins, numa altura em que um professor catedrático em Salamanca apenas ganhava menos de metade (Gil 1981: 56).

Com a morte do mecenas sevilhano, D. Alonso da Fonseca, muda-se, em 1475, para Salamanca, à procura de emprego e de ganhar o sustento, e torna-se docente da Universidade, leccionando Poesia e Oratória, auferindo somente 70 florins anuais (*ibidem*). Em Janeiro do ano seguinte, opôs-se à Cátedra de Gramática, mas conservou as duas outras disciplinas. Esta sobrecarga de trabalho provocou que Nebrija tivesse que abandonar as aulas de Oratória em 1478, baixando assim o seu vencimento para 50 florins anuais. Nebrija não estava satisfeito, até porque, por esta época, contraiu matrimónio e as suas necessidades económicas aumentaram (Concha 1981: 7). No entanto, havia falta de material didáctico de qualidade, vendo-se obrigado a leccionar Latim pelo *Doctrinale* de Villa Dei e pela “gramática” de Pastrana, e, em 1479, “obtiene licencia por un año, lo que le permitió graduarse de maestro y trabajar de firme en sus *Introductiones Latinae*, que vieron la luz en 1481” (Gil 1981: 57), que imprimiu em Salamanca, tornando-se, assim, o responsável pela introdução da imprensa em Espanha, já que esta obra é o primeiro incunábulo conhecido daquele país.

As *Introductiones Latinae*, cuja primeira edição teve 1.000 exemplares e se esgotou quase imediatamente, marcou uma época na história do humanismo espanhol e uma nova etapa na cultura desse país. Aí, Nebrija “se propone demostrar que la ignorancia imperante entonces en todas las ciencias puede combatirse con el arma de la gramática. De este modo, se dispone Nebrija a «desarraigar la barbarie de los hombres de nuestra nación» denunciando «guerra a fuego y sangre» a cuantos se le opongan” (Quilis 1989: 13). Nebrija tem consciência do seu papel de renovador na história do ensino do Latim e, com isso, na história da linguística espanhola e europeia, ao declarar: “«fue aquella mi dotrina tan notable: que aun por testimonio delos embiadosos & confession de mis enemigos todo aquesto se me otorga: que io fue el primero que abri tienda della

lengua latina; & ose poner pendon para nuevos preceptos: [...] Y que si cerca delos nombres de nuestra nación alguna cosa se halla de latin, todo aquello se a de referir a mi»” (Citado por Niederehe 1999: 96).

O Nebricense, todavia, foi melhorando a sua “gramática”, da qual fez várias edições, com redacções relativamente distintas. A primeira versão teve três edições, datadas de 1481, 1482 e 1483; da segunda redacção, saíram do prelo cinco edições, a segunda das quais em Latim e Castelhana, em 1486, por sugestão da rainha D.^a Isabel de Castela, esposa de D. Fernando, intitulada *Introducciones latinas, contrapuesto el romance al latín*. Não analisaremos, neste artigo, esta edição bilingue por ter parecido ao seu autor que nela ele tinha sido mais intérprete que autor e não estaria como ele talvez esperasse: “No quiero agora contar entre mis obras el arte dela grammatica que me mando hazer su alteza contraponiendo renglon por renglon el romance al latin: por que aquel fue trabajo de pocos dias i por que mas use alli de oficio de interprete que de autor” (citado por Esparza e Calvo 1996: xiii).

No entanto, apesar do imenso sucesso não só em toda a Espanha, como no resto da Europa e na América, é “obrigado”, pelas circunstâncias de ter muitos filhos e o seu único sustento ser o vencimento da Universidade, a abandonar Salamanca no final de 1487 e a viver sob o mecenato do cardeal-arcebispo de Sevilha, D. Juan de Zúñiga, seu antigo aluno. “El tiempo en la casa de Zúñiga es sumamente productivo para Nebrija: escribe y publica el *Diccionario latino-español* (1492) e el *Vocabulario español-latino* (ca. 1495, la *Gramática de la lengua castellana* (1492)” (Quilis 1989: 16). Esta última obra, que pode, no entanto, ser considerado o seu maior fracasso editorial, já que a primeira reimpressão só ocorreu em 1747, protagonizada por Francisco Miguel de Goyeneche, conde de Saceda, e só foi unanimemente aceite pelos linguistas depois de Menéndez y Pelayo ter publicado o segundo livro na sua *Antología de poetas líricos castellanos*, em 1894 (Torres 1995: 53), é a primeira gramática europeia (e mundial) de uma língua vulgar, já que a primeira gramática do Francês só foi publicada em 1521 por Barclay, a do Italiano, em 1526, por Bembo, e a do Português, em 1536, por Oliveira.

Com a morte do seu protector, D. Juan de Zúñiga, Nebrija toma novamente posse da Cátedra de Prima de Gramática em Salamanca, em 1505, mas, devido aos muitos projectos a que está votado, descuida, novamente, as suas lições e, quando começa o curso de 1508/09, ausenta-se durante quatro meses, provocando o seu despedimento. O rei

D. Fernando convida-o, então, para ser o cronista oficial do reino, do qual prepara *Decades* e *Bellum Navariense*, que ficaram incompletas e só vieram a lume vinte e três anos após a sua morte, em 1545, sob a responsabilidade de seu filho Sancho de Nebrija (Andrés 1992). Em 1509, opõe-se à Cátedra de Retórica, sendo-lha atribuída, pois não havia concorrido mais ninguém. Entretanto, Nebrija provoca, desafia e denuncia implacavelmente todos os “bárbaros” salmantinos das mais variadas áreas do saber, Gramática, Retórica, Bíblia, História, Teologia, Direito, Medicina, etc., abrindo uma guerra com os “colegas” e, em especial, os claustros da Universidade: “Elio Antonio de Nebrija retornaba a ella (...) convertido en un humanista de nuevo cuño y dispuesto a combatir en su reducto más cerrado, que eso era nuestra Universidad entonces, la «barbarie» de tradiciones estériles y letra muerta. Ni la batalla, es sabido, fue fácil ni la victoria gloriosa” (Concha 1981: 7). Com a morte de Tizón, porém, catedrático de Prima de Gramática, em 1513, o Nebricense concorre à vaga, mas esta é atribuída García de Castillo, um jovem recém formado (Torres 1995: 62-65). Nebrija abandona Salamanca, “jurando no volver a ella ni vivo ni muerto” (Concha 1981: 7) e retira-se para Sevilha, onde regeu, durante o ano lectivo 1513-1514, a Cátedra de S. Miguel. Com setenta e três anos, *mutatis mutandis*, em 1514, apresenta-se ao cardeal Cisneros, que lhe concede a Cátedra de Retórica da novíssima Universidade Complutense em Alcalá de Henares, “con el privilegio de que «leyese lo que él quisiese, y si no quisiese leer, que no leyesse; y que esto no lo mandaba dar porque trabajase, sino por pagarle lo que le debía España»” (Quilis 1989: 19). Nessa sua estada, Nebrija publica as *Reglas de Orthographia en la Lengua Castellana*, em 1517, e prepara mais uma edição das *Introductiones Latinae*, que só se vieram a publicar postumamente, em 1523.

Em 2 de Julho de 1522, morre, em Alcalá de Henares, o mestre Élio António de Nebrija ou, se se preferir usar o seu nome de baptismo, António Martínez de Cala e Xarana, aproximadamente um ano antes do nascimento de Francisco Sánchez de las Brozas.

1. Élio António de Nebrija, aproveitando um repto lançado pelos reis católicos a todos os professores universitários de Espanha, em 1480, a presença em Salamanca de uns impressores estrangeiros recém-chegados, dos seus conhecimentos da língua de Cícero e da necessidade de elaborar um manual de Latim que colmatasse uma grave lacuna pedagógica, pois

não havia nenhum livro que pudesse satisfazer os principiantes, os alunos intermédios e os de nível superior (Percival 1992: 249-250), publica, em 16 de Janeiro de 1481, o núcleo de uma gramática latina elementar, a que chamou *Aelii Antonii Nebrissensis grammatici introductiones latinae explicatae*, e ficou conhecido sinteticamente como *Introductiones Latinae*. “Esso contiene una breve, ma chiara, anche se non del tutto organica grammatica latina, seguita da un sintetico vocabolario, in un ordine alfabetico non assolutamente rigoroso. Questo libretto, como è noto, ebbe una straordinaria fortuna” (Casa 1992: 237).

Trata-se de um breve manual escolar, sem numeração de páginas, embora organizado por cadernos (o *A* tem 5 folhas; o *a*, 8; o *b*, 10; o *c*, 10; o *d*, 8; o *e*, 6; e o *f*, 7, totalizando 54 folhas), com 108 páginas, isto é, 54 folhas frente e verso, onde o gramático andaluz resume o saber aprendido na sua estadia em Bolonha, com o propósito de restituir às terras de Espanha o melhor das belas letras clássicas. “Las *Introductiones* de 1481 (...) no querían sino proporcionar el minino utillaje teórico imprescindible para leer a los grandes maestros de las letras antiguas (...). La jeringonza técnica y abstracta de la convención medieval oponía éste una lengua fundada en la experiencia, en la literatura y en la historia (...). Lo primero, por tanto, era el uso. Vale decir: el latín real y concreto, abierto al sentir y al obrar del individuo, a la medida del hombre y de la sociedad” (Rico 1981: 11).

Os gramáticos que mais influência tiveram nesta obra de Nebrija são Élio Donato, o celeberrimo *Grammaticus Urbis Romae* (Paratore 1987: 936), que viveu e foi professor de Latim em Roma no séc. IV d. C., e seu discípulo Prisciano, natural da Cesareia, na Mauritânia, viveu nos sécs. V e VI d. C. e “foi, ao lado de Donato, a maior autoridade gramatical para a Idade Média e (...) é (...) o iniciador da gramática escolar para todos aqueles que se habituaram a estudar latim clássico como uma língua não própria” (*ibidem*: 1022).

Há analistas que referem que a edição *princeps* (Salamanca 1481) estava dividida em duas partes e a primeira compreendia a analogia e a segunda, a sintaxe, ortografia, prosodia, figuras e tropos, e um pequeno vocabulário no final (Gil 1981: 58, nota 22). Contudo, lemos o *facsimile* dessa mesma edição e não nos parece fácil concluir se Nebrija pressupôs ou não essa (ou qualquer outro tipo de) divisão, já que, pela edição da Universidade de Salamanca (Nebrija 1999), os conteúdos apenas se separam uns dos outros por um espaçamento superior entre as linhas e,

nem sempre, por uma capitular maior. No entanto, ainda que todos esses assuntos estejam lá tratados, parece-nos mais realista fazer outro tipo de divisão das matérias. Assim, a existirem partes, talvez se possa considerar a “primeira parte” a constituída pela morfologia, como se costuma hoje classificar; a segunda, pela ortografia; a terceira, pela sintaxe; a quarta pela métrica e prosódia; e a quinta, por um dicionário.

Como já referimos, as *Introductiones Latinae* são um tratado gramatical destinado ao ensino dos rudimentos do Latim, que parte da aceitação de um modelo fixo da língua: o Latim literário clássico, considerado como um *corpus* delimitado, que encerra todos os fenómenos analisáveis, aceite como modelo de correção e beleza literária. Neste sentido, as *Introductiones* são uma gramática normativa do latim, pois “la norma emana del uso que de la lengua han hecho los autores clásicos” (Codoñer 1981: 105). Deste modo, Nebrija parte de um pressuposto misto ao elaborar esta gramática: a idade dos alunos e o seu desconhecimento do Latim, e tenta dar-lhes uma manual que, na globalidade, responda a todas as suas dúvidas. Talvez esta seja a razão pela qual apresenta tantas listas de palavras e, mesmo, de excepções.

2. As *Introductiones* começam por estudar a morfologia do nome, apresentando os paradigmas completos das declinações (nomes, adjectivos e pronomes) e conjugações, listas de advérbios, preposições, interjeições, conjunções e algumas normas sobre a concordância, quer nominal quer verbal. “Si Nebrija commence par étudier le *nom* (...), ‘est pour se conformer à des habitudes séculaires, issues des grammaires latines du 4^e siècle. C’est peut-être aussi parce qu’il continue (...) à voir dans le substantif des traces de la substance aristotélicienne, le nom étant considéré comme une substance permanente (...) susceptible de «recevoir» des accidents” (Margolin 1992: 273).

Assim, para a primeira declinação, dá como exemplo *haec terra*, da segunda, *hic dominus*, da terceira, *hic sermo*, da quarta, *hic sensus*, e da quinta, *hic dies* (Nebrija 1999: fol. A i). O paradigma dos adjectivos é para o gramático andaluz *bonus*, -a, -um e *duo*, *duae*, *duo*, do particípio, *hic*, *haec*, *hoc amans*, *amaturus*, -a, -um, *amatus*, -a, -um e *amandus*, -a, -um (*ibidem*: fol. A ii). Quanto aos pronomes, apresenta *ego*; *nos*; *tu*; *vos*; *sui*; *hic*, *haec*, *hoc*; *iste*, *ista*, *istud*; *ille*, *illa*, *illud*; *ipse*, *ipsa*, *ipsum*; *is*, *ea*, *id*; *meus*; *noster*; *tuus*; *vester*; *suus*; e termina com o relativo *quis* ou *qui*, *quae*, *quod* (*ibidem*).

Apresenta também as quatro conjugações verbais, mas introdu-las com a tradução da primeira “pessoa” de todas as formas verbais, do tipo “*amo vs amo; amaveram vs amara; amavisse vs ser amado, amatus eram vs fuera amado*” (*ibidem*), etc.. Especificamente quanto às conjugações, é curioso e pedagogicamente interessante a forma como enuncia cada verbo: 1^o) primeira pessoa do presente do indicativo da voz activa; 2^o) segunda pessoa do presente do indicativo da voz activa; 3^o) primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo da voz activa; 4^o) infinitivo presente da voz activa; 5^o) genitivo do gerúndio; 6^o) dativo / ablativo do gerúndio; 7^o) acusativo do gerúndio; 8^o) acusativo do supino; 9^o) ablativo do supino; 10^o) nominativo singular do particípio presente; 11^o) nominativo masculino singular do particípio futuro; 12^o) primeira pessoa do presente do indicativo da voz passiva; 13^o) segunda pessoa do presente do indicativo da voz passiva; 14^o) nominativo masculino singular do particípio perfeito; e 15^o) nominativo masculino singular do gerúndio. Deste modo, para a primeira conjugação, dá como paradigma o verbo *amo*, -as, -are, -avi, -atum (“*amo, amas, amavi, amare amandi, amando, amatum, amatu, amans, amaturus, amor, amaris, amatus, amandus*”); para a segunda, o verbo *doceo*, -es, -ere, *docui, doctum* (“*doceo, doces, docui, docere, docendi, docendo, docendum, doctum, doctu, docens, docturus, doceor, doceris, doctus, docendus*”); para a terceira, o verbo *lego*, -is, -ere, *legi, lectum* (“*lego, legis, legi, legere, legendi, legendo, legendum, lectum, lectu, legens, lecturus, legor, legeris, lectus, legendus*”); e, para a quarta, *audio*, -is, -ire, *audivi, auditum* (“*audio, audis, audivi, audire, audiendi, audiendo, audiendum, auditum, auditu, audiens, auditurus, audior, audiris, auditus, audiendus*”). De seguida, apresenta a conjugação de quatro verbos irregulares: *sum*, *es*, *esse*, *fui* (“*sum, es, fui, ens*”), *volo*, *vis*, *velle*, *volui* (“*volo, vis, volui, velle, volendi, volendo, volendum, volens*”), *edo*, *edis* ou *es*, *edere* ou *esse*, *edi*, *esum* (“*edo, es, edi, edere, edendi, edendo, edendum*”) e *fero*, *fers*, *ferre*, *tuli*, *latum* (“*fero, fers, tuli, ferre, ferendi, ferendo, ferendum, latum, latu, ferens, laturus, feror, ferris, latus, ferendus*”), concluindo o tema com as formações dos tempos verbais (*ibidem*: fol A iii – A v).

Ainda nesta “parte” apresenta uma lista de preposições, especificando o caso que regem (acusativo: *ad, apud, ante, adversus, adversum, as, atra, arcum, arca, aratra, contra, erga, extra, inter, intra, infra, juxta, ob, pone, per, prope, post, propter, praeter, penes, secus, secundum, supra, trans, usque, ultra*; ablativo: *ab, abs, a, absque, cum, coram, clam, de, e, ex, pro, prae, palam, sine, tenus*; acusativo e ablativo: *in, sub, subter, super*), de

advérbios, com vinte e sete especificações semânticas (*localia: hic, isthic, illic, ubi, foras; temporalia: hodie, cras, perendie; numeralia: semel, bis, ter, milies; negativa: haud, non, neque, minime; affirmativa: profecto, etiam, quidni; demonstrativa: en, ecce; optativa: o, osi, ut, utinam; ordinalia: deinde, deinceps, preterea; interrogativa: cur, quare, quapropter; similaria: ceu, quasi, velut, uti; dubitativa: forte, forsitan, fortasse; personalia: mecum, tecum, secum; vocativa: heus, o; responsiva: o, oe; separativa: secus, seorsus, bifariam; congregativa: simul, una, pariter; jurandi: aedepol, hercle, mediussidius; proibitiva: ne; electiva: potius, imo; hortativa: eia, age, agite; intensiva: valde, penitus, omnino; remissiva: sensim, paulatim; eventus: casu, forte, fortefortuna; qualitatis: bene pulchre, docte; quantitatis: multum, parum; comparativa: magis, minus, ocyus; superlativa: maxime, ocyssime), de interjeições, com cinco sub-classificações (*volentis: heu, eheu, hei, ah; ridentis:ahaha; gaudentis: evax, io, oe, euge; oduentis: at at; admirantis: pape*) e de conjunções, com dez sub-divisões (*copulativae: et, -que, atque, autem, vero; continuativae: si, sive, seu; redditivae: causae, quia, quoniam; subjunctivae: si, cum, dum; approbativae: quidam, siquidem; disjunctivae: vel, ve, aut, sive; adversativae: quamquam, quamvis, etsi; illativae: ergo, igitur; interrogativae: an, necne; completivae: quidem, enim, nam*).*

Ainda nesta “secção”, Nebrija apresenta algumas normas de concordância, a saber: o adjectivo e substantivo concordem em género, número e caso; o nominativo com verbo em número e pessoa; o relativo com o antecedente em género, número e pessoa; o verbo activo exige nominativo (agente) e acusativo (paciente), como *ego uxorem amo*, e o passivo exige nominativo (paciente) e ablativo com preposição (agente), como *uxor amatur a me* (*ibidem*: fol a i).

3. A existir uma separação formal dos conteúdos, parece-nos que Nebrija inicia o 2º “capítulo” dedicado às partes da oração, que constitui, em nosso entender, o centro de interesse desta gramática escolar, pois apresenta alguns princípios sintácticos e tem algumas considerações relativamente originais. Assim, esta “parte” é introduzida pelos fonemas latinos (*litterae*), que o gramático andaluz considera serem vinte e duas (“*Duae et viginti litterae sunt in usu apud latinos*”), das quais há as vogais e as consoantes, donde se formam os ditongos (“*ae, au, ei, eu, oe*”), as sílabas, a dicção e, por último, a oração. Deste modo, Nebrija parece querer dizer que o fim último do estudo da língua é a oração.

O gramático andaluz segue a perspectiva de Donato² ao apresentar as oito partes da oração: “Partes orationis octo sunt: nomen, verbum, participium, pronomen, praepositio, adverbium, interjectio, coniunctio” (Nebrija 1999: fol a i), sendo quatro variáveis, a saber, nome, verbo, participío e pronome (“partes orationis quae declinantur: quattuor sunt: nomen, verbum, participium, pronomen”), e quatro invariáveis, preposição, advérbio, interjeição e conjunção (“partes orationis quae non declinantur item quattuor: praepositio, adverbium, interjectio, coniunctio”). A tradição gramatical greco-latina, desde Dionísio da Trácia, lega-nos um esquema de oito partes, com pequenas alterações: «Levxi° ejsti; mevro° ejlavciston tou= kata; suvntaxin lovgou. Lovgo° dev ejjsti pexhv° levxew° suvnqesi° diavnoian aujtotelh= dhlou=sa. Tou= de; lovgou mevrh ejstivn ojktw; o[noma, rJh=ma, metochv, a[rqron, ajntwnumiva, provqesi°, ejpivrrhma, suvndesmo°» (Trácia 1989: 48).

O nome é, para Nebrija, uma parte da oração constituída por duas partes: o substantivo e o adjetivo, que apenas define com critérios morfológicos e sintáticos, seguindo uma vasta tradição medieval. O nome substantivo é, assim, “cui praeponitur unus articulus, ut hic poeta, vel duo tantum, ut hic et harc homo” (Nebrija 1999: fol. a i.); e o nome adjetivo “est cui praeponuntur tres articuli, vel per tres diversas terminationes declinatur: ut hic et hae et hoc foelix, bonus, bona, bonum” (*ibidem*). Com efeito, para Élio António de Nebrija “the substantive is a noun which is accompanied by one or at the most by two articles, while the adjective may be accompanied by all three articles. This bizarre idea can be explained in terms of the history of the grammatical tradition. From antiquity on, nouns had been quoted in Latin grammars together with the appropriate form of the demonstrative *hic, haec, hoc* (...). Substantives were therefore cited with one of the three forms of the demonstrative” (Percival 1992: 253), conforme o género do substantivo. Este artifício tornou-se facilmente o critério para definir substantivos e adjetivos.

² Cfr. Donato 1981: 355: “Partes orationis quot sunt? Octo. Quae? Nomen pronomen verbum adverbium participium coniunctio praepositio interiectio”.

Quanto ao género dos nomes, são sete para Nebrija: masculino, feminino, neutro, comum de dois, comum de três, dúbio e promíscuo. Os números são dois: singular e plural, mas os casos são sete: nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo, ablativo e efectivo, “semper ablativo similis” (Nebrija 1999: fol. a i).

De seguida, apresenta algumas listas dos géneros dos substantivos e as respectivas excepções, bem como as especificidades morfológicas das cinco declinações. Já no caderno b. analisa todas as especificidades do nome, onde encontra vinte e cinco diferenças, como, por exemplo, nomes próprios, apelativos, corporais, incorporais, homónimos, sinónimos, gentis, patronímicos, interrogativos, relativos, colectivos, gerais, especiais, ordinais, numerais, absolutos, temporais, locais, etc.

Somente na parte final da folha b. verso é que Nebrija termina as suas reflexões sobre o nome e inicia o estudo do verbo, que começa por classificar como “pars orationis declinabilis cum modis et temporibus sine casu agendi vel patiendi significativa, ut amo, amas” (*ibidem*: fol b i v.). Apresenta as várias classificações do mesmo, tendo por base critérios morfológicos, sintácticos e semânticos, como, por exemplo, verbos activos, passivos, neutros, comuns, depoentes, incoativos, meditativos, desiderativos, frequentativos e denominativos, etc. Quantos aos modos, Nebrija afirma serem cinco: indicativo, imperativo, optativo, subjunctivo e infinitivo; aos tempos, outros tantos: presente, pretérito imperfeito, pretérito perfeito, pretérito mais que perfeito e futuro; ao número, dois: singular e plural; às pessoas, três: primeira, segunda e terceira; e às conjugações, quatro (*ibidem*: fol. b ii r.), apresentando extensas listas de cada tipo ou espécie.

Relativamente ao participio, diz que “est pars orationis: quae pro verbo accipitur: ex quo derivatur: genus et casus habens ad similitudinem nominis” (*ibidem*: fol b ix r.); tem três tempos: presente (“amans”), pretérito (“amatus”) e futuro (“amaturus”), mas dois são da voz activa (presente e futuro) e outros tantos da voz passiva (pretérito e gerundivo), havendo uma certa contradição, ainda que, por um lado, os classifique temporalmente e, por outro, refira os seus significados: “Significationes participiorum ut ex dictis patet duae sunt activa ut amans amaturus: passiva ut amatus amandus” (*ibidem*: fol. b x r.).

O pronome é, para o gramático andaluz, uma “pars orationis declinabilis quae pro nomine proprio cuiusque accipitur” (*ibidem*), que pode ser, quanto à *species, primigenia*, como *ego, tu, sui, hic, iste, ille, ipse* e *is*, ou

derivativa, como *meus, tuus, suus, noster, nostras (-tis), vester e vestras (-tis)*. Quanto às classificações, Nebrija apenas apresenta os pronomes pessoais, *ego, tu e ille (ibidem)*.

A preposição é uma “pars orationis indeclinabilis: quae aliis partibus orationis in appositione vel compositione praeponitur, et quamquam proprium est praepositionis preponi aliis partibus orationis: aliquando tamen postponitur, ut tecum, pubetenus, romam versus, nam versus praepositio esse videtur” (*ibidem*), referindo também, como já havia feito, os casos que ccada uma delas rege, acusativo e/ou ablativo.

Advérbio “est pars orationis indeclinabilis: quae addita verbo significationem eius aut complet: aut mutat: aut minuit, ut iam faciam, non faciam, parum facias” (*ibidem*: fol. c i r.), na senda dos gramáticos gregos (Trácia 1989: 60) e latinos (Prisciano 1981: 60). No entanto, no dizer de Nebrija, o advérbio também se pode juntar a participios, adjetivos e substantivos, para lhes alterar o significado. Quanto aos significados dos advérbios, refere que “variae sunt” (Nebrija: fol. c i), começando por apresentar, mais detalhadamente, cada um deles. Assim, os de tempo “et ea diversarum formarum quaedam eni sunt temporis praeteriti, ut nuper (...), alia praesentis, ut nunc (...), aut futuri, ut cras (...), alia temporum diversorum communia sunt, ut dudum” (*ibidem*); Os advérbios “localia quoque diversas habent species, in loco, de loco, ad loco, per loco” (*ibidem*). De seguida, apresenta, *mutatis mutandis*, a mesma lista das restantes “significações” do início das *Introductiones*, apenas faltando, agora, os advérbios pessoais (“personalia”), eventuais (“eventus”) e superlativos (“superlativa”). Aos que tinha dado o nome de separativos (“separativa”) denominou-os agora de discretivos (discretiva”), e aos proibitivos (“prohibitiva”) atribuiu-lhes o nome deortativos (“dehortativa”).

Élio António de Nebrija entende por interjeição aquela “pars orationis indeclinabilis affectum mentis significans voce incondita” (*ibidem*: fol c ii). Na “1ª parte” tinha apresentado apenas cinco “significações” interjectivas, mas, neste momento, acrescenta mais dez. Assim, na totalidade, para Nebrija, há as seguintes interjeições: “exultantis ut evax; gaudentis ut vah; dolentis, ut vac; lugentes (?) ut heu eheu; dimentis, ut hei; admirantis ut pape; hortantis ut eia; laudantis ut euge; ditantis (?) ut apage; docantis ut eho, io; silentis ut si au; exclamantis ut proh; deprehendentis, at at; ridentis, ah ah; ironia utentis hui” (*ibidem*). No entanto, acrescenta Nebrija que muitas outras podem ser consideradas interjeições, “quae

magis ex affectu animi quam ex arts observatione monstrari possunt” (*ibidem*).

Por último, a conjunção é definida como “pars orationis indeclinabilis connectens ordinansque sententiam” (*ibidem*), que Nebrija subdivide em copulativa, “quae copulat tam verba quam sensum, ut, et, que, atque, quoque, autem, vero, quidem”, continuativa, “quae continuationem et consequentiam rerum significat, ut si, sive, seu”, subcontinuativa, a que tinha inicialmente dado o nome de *reddittiva*, “quae causam concontinuationis ostendit, ut quoniam ambulat, movetur”, adjuntivas, a que tinha chamado *subjunctivae*, “quae verbis subjuntivis adjunguntur, ut si, cum, dum”, aprovativas, “que approbat res, ut siquidem, quando”, disjuntiva, “quae quamvis dictiones conjungat sensum tamen disjunctivum habet, et alteram rem esse (...), ut ve, vel, aut”, adversativa, “quae adversam sententiam insert sequenti aut praecedenti, uta quamquam et si, tametsi, quamvis licet”, ilativa ou racional ou colectiva, “quae superiora colligens ratione confirmat, ut igitur, ergo itaque (...), imo, utique”, e completivas, “quae ornatus causa aut metri necessitate: non significationis gran(?)ponuntur, ut quidem, enim, nam, namque”, e a dubitativa, que anteriormente apresentara como interrogativa, “quae dubitationem significat, ut an, ne necne” (*ibidem*). No entanto, para além destas que já havia referido no início das *Introductiones*, acrescenta ainda a subdisjuntiva, “quae disjunctivarum utramque esse significat: vel simul vel discrete, ut cum vel accipitur pro etiam et cum dicimus”, a electiva, “quando diversis rebus propositis aliquid nos eligere ostendimus ut dives volo esse quam pauper”, e a abnegativa, “quae verbis conjuncta posse fieri rem ostendunt, sique propter causam aliquam ne fiat impedi ut facerem si possem” (*ibidem*).

Este “parte” é concluída por um capítulo de “construção”, embora este se reduza praticamente a uma sucessão de normas e classificações que afectam o nome e o verbo: “Posteam quam de octo partibus orationis cursim et quantum operi nostro consentaneum erat diservimus, reliquum est ut de combinatione illarum partium inter se in hac secunda parte dicamus, hanc alii structuram, alii construtiones appellant. Est itaque constructionem debita dispositio partium orationis in ipsa oratione” (*ibidem*). Assim, mais uma vez, como no final da “1ª parte”, Nebrija remata com duas regras: “prima igitur combinatio est nominativi cu verbo. Nam omne verbum personale nominativum habet pro supposito, cum quo necesse est conveniat in numero et in persona, ut ego amo, tu legis, acero

scribit" (*ibidem*). A segunda regra "est verbi et illius casus cum quo verbum post se construitur, ut amo te, in servio tibi" (*ibidem*).

4. Seguem as *Introductiones* uma extensa lista de verbos activos, passivos, neutros, depoentes, impessoais e comuns, organizada por categorias dentro de cada uma destas tipologias. Assim, para Nebrija, há seis "speciei" de verbos activos, apenas uma de verbos passivos, sete de verbos neutros, seis de verbos depoentes, cinco de verbos impessoais e variados os comuns, ainda que sem distinguir as "speciei" (*ibidem*: fol. c ii - c vi). De seguida, analisa os infinitivos (*ibidem*: fol. c vii), os gerúndios, o participio e, por último, o comparativo e o superlativo (*ibidem*: fol. c viii).

Ainda no caderno c. aparece um pequeno tratado de ortografia, quer de palavras latinas quer gregas, que é acompanhada por uma lista, maioritariamente, de nomes próprios, ilhas, cidades, rios, deuses, etc. Com efeito, "orthographiam qui latine interpretantur recte scribendi scientiam appellat" (*ibidem*: fol. c viiii) e é com base expressa em Quintiliano e Prisciano e na *consuetudo*, ou seja, a perspectiva do gramático andaluz sobre a ortografia deve ser o *usus*, aliado à *ratio* proposta pelos melhores gramáticos. "Igitur de recta scribendi ratione tractare volentis a diffinitione litterae incipiemus" (*ibidem*), e começa a sua análise ortográfica com um estudo sobre as letras latinas e gregas. Assim, para o Nebriense, o alfabeto latino é constituído por vinte e duas "letras", seis vogais, incluindo o "ypsilon", e dezasseis consoantes, das quais há sete semivogais ("l, m, n, s, x, z") e nove mudas ("b, c, d, f, g, h, p, q, t"). São chamadas pelo Nebrija semivogais porque "quantum in sonoritate vincuntur a vocalibus, tantum superant mutae" e mudas "non quod partes vocis non sint, sed quod ad comparisonem vocalium et semivocalium" (*ibidem*). No entanto, a "dictio" só é possível se organizada por sílabas e ditongos. Por último, apresenta uma reflexão sobre as palavras gregas importadas / traduzidas para Latim, distinguindo, por exemplo, a escrita do fonema /f/ em ph e f, como *phylosophus*, *phystula* e *fama*, *fucus*, *fero*, etc. ((*ibidem*: fol. d i). E termina com uma lista de palavras constituída por nove páginas, a quatro colunas cada, de palavras de difícil escrita, como, por exemplo, *Abdera urbs*, *Babylon urbs*, *Carpathos insula*, *Clytemnestra*, *Dactyli digiti*, *Etymologia*, *Gyndes glumen*, *Hebraeus*, *Itys puer*, *Quotidie*, *Stomachus*, *The-saurus* e *Zephyrus ventus* (*ibidem*: fol. d i - d vi).

De seguida, ainda no caderno d., segue um outro pequeno tratado de prosódia, iniciado por uma análise, tanto quanto possível, exaustiva

das sílabas, que é a “comprehensio litterarum consequens sub uno accentu et uno spiritu prolata” (*ibidem*: fol. d. vi). Para o tratamento da sílaba, Nebrja distingue quatro factores: “volutatio” (agudo, grave e circunflexo), “spiritus” (áspero e brando), “numerus” (menor e maior) e “tempus” (breve e longa), sendo este último o mais analisado.

Assim, em dez páginas e meia, apresenta as mais variadas combinações de sílabas longas e breves, explicando a natureza e a combinação destas, isto é, se as sílabas são longas ou breves por natureza se por posição. Desta forma, chega ao conceito de pé métrico, passando a explicar os principais: pirríquio (˘ ˘), como *deus*, espondeu (ˉ ˉ), como *montes*, jâmbico (˘ ˉ), como *amant*, troqueu (ˉ ˘), como *dixit*, tríbraco (˘ ˘ ˘), como *anima*, anapesto (˘ ˘ ˉ), como *redeunt*, báquio (˘ ˉ ˉ), como *honestas*, antibáquio (ˉ ˉ ˘), como *audivit*, molosso (ˉ ˉ ˉ), como *vertentes*, Anfímacro ou crético (ˉ ˘ ˉ), como *civitas*, anfíbraco (˘ ˉ ˘), como *amavit*, proceleumático (˘ ˘ ˘ ˘), como *ariete*, dispondeu (ˉ ˉ ˉ ˉ), como *oratores*, dicoreu (ˉ ˘ ˉ ˘), como *judicavit*, dijambo (˘ ˉ ˘ ˉ), como *amoenitas*, Coriambo (ˉ ˘ ˘ ˉ), como *curriculo*, e antipasto (˘ ˉ ˉ ˘), como *coronatus* (e. iiiii.). Curiosamente, Nebrija não apresenta um dos mais frequentes pés na métrica latina, o dáctilo (ˉ ˘ ˘), que é usado na epopeia de Vergílio, por exemplo. É desta forma que o gramático andaluz chega à tipologia dos versos, como sáficos, heróicos, elegíacos, adónicos, asclepídeos, glicónicos, alcaicos, jâmbicos, etc. (*ibidem*: fol. e iiiii – e v).

5. Segue-lhe um capítulo dedicado a incorrecções gramaticais / linguísticas, como os barbarismos, que são “una pars orationis vitiosa in communi sermoni, in poemate vero metaplasmus” (*ibidem*: fol. e v), e solecismos, que são vícios “in contextu partium orationis contra regulam artis grammaticae factu” (*ibidem*: fol. e vi). Nebrija ainda acrescenta que os barbarismos podem ocorrer de duas formas distintas, na escrita e na prolação (pronúncia), já que se desviava da *puritas* latina ou correcção idiomática, ou seja, o barbarismo podia ser o uso inadequado de um determinado vocábulo (*immutatio*), quer este fosse “bárbaro” (estranheiro) ou não (dialectal, arcaico, etc.), quer pronunciasse mal uma palavra, acrescentando (prótese, epêntese, paragoge) ou retirando caracteres (aférese, síncope, apócope). O solecismo, pelo contrário, tem a ver com a palavra no seu contexto, isto é, há um desvio da *puritas* se a *constructio* ou sintaxe não for correcta, trocando, por exemplo, um caso (dativo pelo ablativo, por exemplo), um tempo verbal (presente histórico, por exem-

plo), o número (sujeito no singular e verbo no plural, *v.g.*), etc., ou seja, “soloecismus discrepantes aut inconsequentes inter se dictiones habet” (*ibidem*).

Contudo, Nebrija não termina esta sua gramática sem acrescentar outros dez “vícios” da linguagem, ainda que não lhes atribua a mesma importância que ao barbarismo e solecismo, a saber: *acyrologia, cacenphaton, pleonasmos, perisologia, macrologia, tautologia, eclipsis, tapinosis, cacosyntheton* e *amphibologia* (*ibidem*). No entanto, ainda refere catorze figuras de dicção que são necessárias aos poetas, fundamentalmente por causa do ornato e da métrica: *prosthesis, epenthesis, paragoge, aphaeresis, syncope, apocopa, ectasis, systole, diaeresis, synaeresis, synaloepha, ecthlypsis, antithesis* e *metathesis* (*ibidem*: fol. e vii), bem como as figuras de sintaxe *prolepsis, zeugma, syllepsis, anadiplosis, anapnora, epanalepsis, epitheton, paranomasia, schesisonomaton, paromoeon, omoeoteleuton, polyptoton, polysyntheton* e *dialyron* ou *asyntheton* (*ibidem*: fol. f i). Por último, Nebrija apresenta os tropos, que considera ser a “dictio translata a propria significatione ad in propriam similitudinem ornatus necessitatisne causa” (*ibidem*), e refere os seguintes: *metaphora, catachresis, metalepsis, metonymia, antonomasia, epitheton, synecdoche, onomatopoeia, periphrasis, hyperbaton, hyperbole* e *allegoria* (*ibidem*: fol. f i – f ii).

6. Por último, Nebrija apresenta uma espécie de dicionário ou uma lista de palavras, composta preferencialmente por substantivos não próprios e adjectivos, mas com a explicação de cada uma. Não se trata agora de questões de ortografia, mas de semântica, para que os estudantes pudessem entender o significado de cada palavra que aparece nas *Introductiones*. “Se ha producido una selección según el orden de dificultad de comprensión para un alumno de latín. No se ha incluido por ejemplo *rosa*, ni *domus*, ni *filius*, ni *pater*, etc., sino sólo aquellas palabras que podían hacer sospechar a Nebrija que no iban a ser comprendidas por los *pueri* lectores (...). No es, pues, un léxico de referencia, sino un verdadero diccionario de consulta con valor lexicográfico evidente” (Codoñer 1981: 119).

Apenas a título de exemplo, extraímos alguns vocábulos para demonstrar a importância que este dicionário ou léxico, a nosso ver, apresenta: *absolvere est perficere; accersere est vocare; ales est quaecumque avis; Apoeninus mons est italiae; appellare est invoare; barbiton instrumentum musicum; cuculus el cuclillo o la cugulla o capiro; Democritus philosophus*

physicus; expes qui non habet spem; fas est quod per religionem licet; Homerus poeta graecus celebris; lacus el lago o lagar o viga; lampas est lux sive splendor; patruelis est qui vulgo primo; Phaeton filius Apollinis; rhinoceros animal habens nasum corneum; saluber est salutem conferens; sinecdoche figura nota; tapes en vulgo el tapete; tros est troianus (Nebrija 1999: fol. f ii – f vii).

Por estes breves exemplos, facilmente se pode observar a grande riqueza e variedade lexical presentes no dicionário que encerra as *Introductiones*. Adriana della Casa diz mesmo que, entre outros aspectos da obra, este tem uma importância fundamental e é um dos grandes méritos desta gramática: “Anche per il lessico, come per il testo strettamente grammaticale, dobbiamo riconoscere a Nebrija un gran merito: quello di avere raccolto tanto materiale, con semplicità e chiarezza, e di averci lasciato un grande patrimonio lessicale. Il lessico è la prova più evidente, anche rispetto alla grammatica, della sua inventiva: non c’è omogeneità nella disposizione dei significati; ogni vocabolo viene presentato in modo diverso: ora con un sinonimo (...), ora, specialmente per i nomi propri, con un chiarimento (...) ma non sempre (...); ora si ha la spiegazione vera e propria; talvolta addirittura l’etimologia (...); altre volte, infine (...), leggiamo, come spiegazione, il corrispondente vocabolo nella lingua nazionale, in questo caso quella spagnola” (Casa 1992: 242), etc..

7. Apresentámos uma síntese das principais, em nosso entender, concepções linguísticas de Élio António de Nebrija no livro *Introductiones Latine* publicado em Salamanca em 1481. Evitámos, sempre que possível, os comentários e as análises feitas pelos gramaticólogos, porque preferimos ouvir o próprio autor. Pode, no entanto, parecer, a uma primeira observação, que Nebrija não passa de um gramático latino incipiente, mas o certo que o gramático andaluz sistematiza de uma forma completamente didáctica uma rica e vasta tradição gramatical. “En su intento por aplicar una *nova ratio* a la enseñanza del idioma ha creado un método afín, en muchos aspectos, a las gramáticas medievales (...). Su idea del *ars grammatica* como *ars* total provoca la creación de un nuevo tipo de manual, integrado por partes independientes, con aplicaciones diferentes y complementarias, germen cada una de ellas de futuros apartados, objeto de tratamiento distinto: fonética, morfología-sintaxis, métrica, estilística y lexicografía” (Codoñer 1981: 121-122).

Naquelas circunstâncias históricas, parece não haver qualquer dúvida de que a publicação das *Introductiones* significou uma grande inovação, não especialmente ao nível dos conceitos linguísticos, mas fundamentalmente da sua intenção pedagógica. Francisco Rico vai muito mais longe ao afirmar que “las *Introductiones* devolvieron a la España bárbara los *studia humanitatis*, los únicos quehaceres dignos del hombre, y le abrieron el horizonte de una edad de oro (...). Las *Introductiones latinae* trajeron a la Península el Renacimiento (...). Trajeron la modernidad de la lengua y la traza de la literatura” (Rico 1981: 9). Adriana della Casa analisa esta questão numa perspectiva parcialmente diferente, mas corroboradora da mesma importância que as *Introductiones Latinae* de Nebrija trouxeram para a Península Ibérica, em geral, e a Espanha, em particular: “Ecco dunque la modernità di Nebrija: egli fu ben consapevole di fondere nelle sue opere la cultura e i caratteri specificamente spagnoli con l’esperienza e la tradizione italiana; prese qualcosa da tutti e non si sottomise a nessuno, sentendo lo studio della grammatica e della filologia latina come una vocazione e la conoscenza della lingua latina una necessità per i popoli” (Casa 1992: 245).

As *Introductiones* serviram-se fundamentalmente da *Ars* de Donato, que “est surtout l’auteur du traité *De Barbarismo* (que Nebrija intègre souvent à sa Grammaire)” (Margolin 1992: 260, nota 7), e Prisciano, em particular nas classificações morfológicas e no tratamento dado às partes do discurso na oração. Também neste ponto, Carmen Codoñer corrobora esta opinião: “Por un lado el *ars grammatica* que sigue a los *praeexercitamenta* responde, globalmente considerada, a la gramática de Prisciano; se aleja notoriamente de la de Donato, tanto en la extensión concedida al tratamiento de las partes de la oración, muco más minuciosa en Nebrija y, por tanto, en la línea de Prisciano, como en la exclusión de determinadas partes” (Codoñer 1981: 116).

O estudo e análise das obras gramaticais de Nebrija, em particular das *Introductiones Latinae*, assumem uma importância acrescida quando comparadas com gramáticas latinas posteriores, em especial a *Minerva* de Francisco Sánchez de las Brozas e o *Methodo Grammatical para todas as Linguas* de Amaro de Roboredo, especialmente ao nível do seu exemplo enquanto docente e, portanto, das suas preocupações didáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrés, Gregorio Hinojo (1992): *Obras históricas de Nebrija: estudio filológico*. Salamanca: Edições da Universidade de Salamanca, Col. "Acta Salmanticensia, Estudios Filológicos" nº 245.
- Casa, Adriana della (1992): "Le *Introductiones Latinae* e il *Catholicon* di Giovanni Balbi". In: *Antonio de Nebrija: Edad Media y Renacimiento (Actas del coloquio celebrado en Salamanca, noviembre de 1992)*. Salamanca: Edições da Universidade de Salamanca, Col. "Acta Salmanticensia, Estudios Filológicos" nº 257, 235-246.
- Concha, Víctor García de la (1981): "Vitor Salmanticense a Elio Antonio de Nebrija", In: *Nebrija y las introducción del Renacimiento en España: Actas de la III Academia Literaria Renacentista (9, 10 y 11 de diciembre de 1981)*. Salamanca: Edições da Universidade de Salamanca, 7-8.
- Donato (1981): *Ars Grammatica: In: Keil, Grammatici latini*, Vol. IV. New York: Georg Olms Verlag Hildesheim.
- Fernandes, Gonçalo (2002): *Amaro de Roboredo, um Pioneiro nos Estudos Linguísticos e na Didáctica das Línguas*, Dissertação de Doutoramento. Vila Real: Edição do Autor, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Gil, Luís (1981): "Nebrija y el menester del gramático". In: *Nebrija y las introducción del Renacimiento en España: Actas de la III Academia Literaria Renacentista (9, 10 y 11 de diciembre de 1981)*. Salamanca: Edições da Universidade de Salamanca, 53-64.
- Margolin, Jean Claude (1994): "Des *Introductiones Latinae* (Salamanque, 1481) d'Antonio de Nebrija au *De Constructione octo partium orationis* (Bale, 1515) d'Érasme: Étude Comparative". In: *Antonio de Nebrija: Edad Media y Renacimiento (Actas del coloquio celebrado en Salamanca, Noviembre de 1992)*. Salamanca: Edições da Universidade de Salamanca, Col. "Acta Salmanticensia, Estudios Filológicos" nº 257, 259-276.
- Nebrija, Élio António de (1996): *Introducciones latinas contrapuesto el romance al latín (c. 1488)*, edição crítica de Miguel Ángel Esparza e Vicente Calvo. Münster: Nodus Publikationen, Col. "Materialien zur Geschichte der Sprachwissenschaft und der Semiotik", n.º 7.

- Nebrija, Élio António de (1999): *Introducciones Latinae*, Reprodução facsimilada da edição de 1481, 2ª reimpressão. Salamanca: Edições da Universidade de Salamanca.
- Niederehe, Hans-Joseph (1999): "La Lingüística Española en el contexto internacional: centros de irradiación y periferias". In: *Actas del I Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. Madrid: Editorial Arco/Libros, 91-107.
- Paratore, Ettore (1987): *História da Literatura Latina*, tradução portuguesa por Manuel Losa, S.I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Percival, W. Keith (1992): "Nebrija and Medieval Grammatical Tradition". In: *Antonio de Nebrija: Edad Media y Renacimiento (Actas del coloquio celebrado en Salamanca, noviembre de 1992)*. Salamanca: Edições da Universidade de Salamanca, Col. "Acta Salmanticensia, Estudios Filológicos" nº 257, 247-258.
- Prisciano (1981): *Institutiones Grammaticae*. In: Keil, *Grammatici latini*, Vol. III. New York: Georg Olms Verlag Hildesheim.
- Quilis, Antonio (1989): "Estudio". In: *Gramática de la Lengua Castellana*. Madrid: Editorial Centro de Estudios Ramon Areces, 3ª edição.
- Rico, Francisco (1981): "Lección y herencia de Elio Antonio de Nebrija". In: *Nebrija y las introducción del Renacimiento en España: Actas de la III Academia Literaria Renacentista (9, 10 y 11 de diciembre de 1981)*. Salamanca: Edições da Universidade de Salamanca, 9-16.
- Torres, Miguel Ángel Esparza (1995): *Las Ideas Lingüísticas de Antonio de Nebrija*. Münster: Nodus Publikationem.
- Torres, Miguel Ángel Esparza e Calvo, Vicente (1996): "Introducción". In: Nebrija, Élio António de, *Introducciones latinas contrapuesto el romance al latín (c. 1488)*. Münster: Nodus Publikationem, Col. "Materialien zur Geschichte der Sprachwissenschaft und der Semiotik", n.º 7.
- Trácia, Dionísio da (1989): *Grammatikh; Τεχνή*, tradução francesa de Jean Lallot, *La grammaire de Denys le Thrace*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.

